

Dr. Roger Green, Reforma até o presente, Aula 11, O Iluminismo

© 2024 Roger Green e Ted Hildebrandt

Eu gosto de ler uma coisinha devocional, mas não estamos juntos há algumas sextas-feiras, exceto para nossa discussão do texto e tudo mais, então não temos ensinado de fato. E eu esqueço, para ser honesto com você, se li uma das minhas passagens favoritas de João Calvino, então não lembro se li ou não. Então, para um pouco de reflexão devocional, meio que por meio de algumas coisas, estou lendo do começo das Institutas de Calvino esta manhã, Livro 1, Capítulo 1, e adoro a maneira como ele começa suas Institutas.

Ele diz que quase toda a sabedoria que possuímos, isto é, a sabedoria verdadeira e sólida, consiste em duas partes: o conhecimento de Deus e de nós mesmos. Mas enquanto unida por muitos laços, um precede e traz à tona o outro, não é fácil discernir. Em primeiro lugar, ninguém pode olhar para si mesmo sem imediatamente voltar seus pensamentos para a contemplação de Deus, em quem ele vive e se move, Atos 17:28.

Pois, claramente, os poderosos dons com os quais somos dotados dificilmente vêm de nós mesmos. De fato, nosso próprio ser não é nada além de subsistência no Deus único. Então, por esses benefícios derramados como orvalho do céu sobre nós, somos levados como por riachos à própria fonte.

De fato, nossa própria pobreza revela melhor a infinidade de benefícios que são depositados em Deus. A ruína miserável na qual a rebelião do primeiro homem nos lançou especialmente nos compele a olhar para cima. Assim, não somente buscaremos, em jejum e fome, dali o que nos falta, mas ao sermos despertados pelo medo, aprenderemos a humildade.

Pois como um verdadeiro mundo de misérias pode ser encontrado na humanidade, e somos, portanto, despojados da vestimenta divina, nossa nudez vergonhosa expõe um tesouro abundante de infâmias. Cada um de nós deve então ser tão picado pela consciência de sua própria infelicidade a ponto de atingir pelo menos algum conhecimento de Deus. Assim, a partir do sentimento de nossa própria ignorância, vaidade, pobreza, enfermidade e, o que é mais, depravação e corrupção, reconhecemos que a verdadeira luz da sabedoria, virtude sólida, abundância plena de todo bem e pureza da retidão repousam somente no Senhor.

Até esse ponto, somos impelidos por nossos próprios males a contemplar as coisas boas de Deus, e não podemos aspirar seriamente a ele antes de começarmos a ficar descontentes conosco mesmos. Pois que homem em todo o mundo não ficaria feliz em permanecer como é? Que homem não permanece como é enquanto não se

conhece, isto é, enquanto contente com seus próprios dons e ignorante ou desatento à sua própria miséria? Consequentemente, o conhecimento de nós mesmos não apenas nos desperta para buscar a Deus, mas também, por assim dizer, nos leva pela mão para encontrá-lo. Então, o início dos Institutos, conhecer a Deus e conhecer a nós mesmos, e quão integralmente relacionados eles são, realmente é uma bela maneira de começar.

Então é assim que ele começa. Bem, isso é só um pequeno devocional para ele. Nós vamos, nós, eu não sei se vamos terminar esta palestra, nós podemos, mas vamos apenas nos lembrar de onde estamos aqui, Palestra 5, na página 13 do programa.

O que estamos tentando fazer nesta palestra, e estamos chamando esta palestra de A Teologia da Era do Iluminismo, e o que estamos tentando fazer nesta palestra é ver como houve uma resposta real à Igreja, ao cristianismo organizado, às Escrituras, à revelação de Deus em Cristo, e assim por diante, como uma espécie de reação, quase, conforme você entra nesta Era do Iluminismo. Então, decidimos ir a quatro lugares: Inglaterra, França, Alemanha e América. Falaríamos sobre esses quatro lugares em relação a esse tipo de reação. Certo, lembre-se de que, apenas na Inglaterra, a resposta ao cristianismo foi bem comedida em certo sentido.

Não era muito violento, na verdade. Era deísmo. Deísmo era uma filosofia, e era uma filosofia monoteísta de que Deus está lá em cima, nós estamos aqui embaixo, e levar uma vida virtuosa é a melhor expressão de um bom cristão, em certo sentido.

Eventualmente evolui para o Unitarismo. Resposta muito comedida. O próximo país foi a França, é claro, e mencionamos o naturalismo como um tipo de expressão da resposta francesa à Igreja, e a resposta francesa à Igreja e ao cristianismo foi muito violenta.

A Revolução Francesa é um bom exemplo disso. Muito menos comedida do que a resposta inglesa. Mencionamos que havia algumas pessoas naquele mundo que realmente deram voz a essa resposta ao cristianismo.

Então, mencionamos Spinoza, mencionamos Voltaire, e então a terceira pessoa que mencionamos foi Jean-Jacques Rousseau. E dissemos que, embora ele tenha nascido na Suíça, ele se mudou para Paris, então o usamos como um, ele fez muito de seus escritos e pensamentos em Paris, então o usamos como uma espécie de modelo natural para a resposta francesa. Ok, ele é ele mesmo, no entanto, bastante comedido, e dissemos que íamos dizer quatro coisas sobre Rousseau.

Acho que dissemos as duas primeiras, não foi? Demos duas coisas sobre Rousseau? Falamos sobre o tipo de sentimento em vez de racionalidade? O sentimento é a marca registrada do que mencionamos, ok? E então mencionamos o tipo dele, o retorno à natureza, o tipo de imagem do bom selvagem? Para se afastar de você, é

preciso se afastar de toda a opressão que a Revolução Industrial trouxe sobre você, e você precisa se afastar disso. E se você realmente vai entender o que você é, você não deve viver vidas de egoísmo, você não deve viver vidas de carência, você não deve viver vidas de ciúmes e assim por diante, você deve viver uma vida mais virtuosa do que isso, sabe? E o bom selvagem pode nos ensinar essas virtudes, acho que mencionamos isso. Chegamos ao número três na importância de, não, ok ?

Então, tenho mais duas coisas a dizer sobre Rousseau que são úteis em termos de sublinhar a era do Iluminismo, mas ambas também são úteis quando chegamos à América. Então, ok, número três é que há um lugar onde a razão é muito importante para Rousseau. Então, ele é um produto do Iluminismo nesse sentido.

Então, há um lugar onde a razão é muito importante. E o lugar onde ela é importante é na formação do governo. Na formação do governo, pessoas razoáveis são capazes de formar e moldar o governo que elas querem ou deveriam ter.

Então, sob esse terceiro ponto, agora observe as datas de Rousseau. Se você quiser, há uma bem, o topo da lista aqui, de 1712 a 1728. Então, durante o século XVIII, o que Rousseau desafiou foi o direito divino dos reis. Não há direito divino dos reis.

Governos não são instituídos por direito divino. Governos são instituídos pela vontade razoável do povo. E o povo deve ter voz na formação do governo.

Então isso se torna um desafio real, obviamente, muito real, à monarquia francesa, assim como ele está ensinando em Paris. E parte desse pensamento, é claro, vai levar à Revolução Francesa, que se tornou infinitamente mais violenta do que eu acho que Rousseau teria desejado. Mas, em todo caso, ele desafia o direito divino dos reis.

Agora, os governos são formados pela vontade do povo, pela vontade razoável do povo, e os governos são formados pelas pessoas comuns. Isso vai soar familiar quando chegarmos ao entendimento americano sobre a formação do governo. Então Rousseau vai ser muito, muito influente. Como um pensador do Iluminismo, ele vai ser muito influente no pensamento americano.

Então queremos observar esse tipo de conexão quando chegarmos a isso. Ok, número quatro com Rousseau, como muitos autores disseram, Rousseau meio que ajudou a estabelecer uma religião civil. Não era necessariamente uma religião da igreja.

Não era uma religião, certamente não uma religião do cristianismo ortodoxo, mas era uma religião civil. Agora, o que era essa religião civil, e quais eram as características dessa religião civil? Bem, uma característica era a crença em Deus, uma crença no ser supremo. Então essa religião civil acreditava em Deus, o ser supremo.

Não era uma espécie de religião sem deus ou uma sociedade sem deus que ele buscava. Então esse é o número um. Então religião civil, número um, Deus.

Número dois é uma crença na imortalidade pessoal. Há, pois essa religião civil acredita em algum tipo de recompensa e punição porque eles raciocinaram que isso não é cuidado nesta vida. Há muitas pessoas boas que sofrem e não são recompensadas.

Há muitas pessoas más que fazem coisas más e nunca parecem ser punidas. Então, há algum tipo de senso de imortalidade pessoal onde há recompensas e punições em uma vida após a morte de algum tipo. Então, esse é o número dois em termos de religião civil.

Certo, número três, e a importância de viver a vida boa, a vida virtuosa, nesta vida. Na religião civil, queremos que as pessoas vivam a vida boa, a vida moral e a vida virtuosa neste mundo. O número quatro era o princípio da tolerância.

O princípio da tolerância é tolerar outras pessoas, outros pontos de vista, outras religiões, e assim por diante. Mas o princípio da tolerância é certamente parte de uma religião civil. Agora, novamente, não faz parte de uma denominação cristã organizada, não faz parte de uma igreja cristã organizada ou algo assim.

Mas certamente meio que no tecido da sociedade civil. Agora, esse tipo de coisa também seria verdade na América, já que as pessoas estão lendo Rousseau aqui; esse tipo de interesse na religião civil tem que criar raízes aqui em solo americano também. Certo, então esse é o número C. É C no seu esboço, mas demos a A a introdução, então demos a B a Inglaterra, a resposta comedida do deísmo, e C a resposta do Iluminismo na França, que era naturalismo, mas com muito menos restrições.

Alguma pergunta sobre isso? Então iremos para a Alemanha e para a América. Ok, vamos para D então, vamos para a Alemanha. A palavra que eu usaria para a Alemanha neste momento seria racionalismo.

Vamos voltar às nossas categorias aqui, mas certamente o racionalismo, não há dúvidas sobre isso. A razão na Alemanha se tornou uma espécie de pedra de toque para entender a realidade. Então, se você quer entender o mundo ao seu redor, incluindo o mundo científico, temos um dia em que estamos meio que celebrando as ciências aqui em Gordon.

Se você quer entender o mundo científico, você tem que usar a razão para entender o mundo ao seu redor. Então, há aquele mundo externo que pode ser conhecido pela razão, e muitas pessoas pensam que é conhecido somente pela razão. Outra

coisa sobre a Alemanha é que o que você tem na Alemanha é uma crença de que há uma ordem no universo.

Certo, e qual é o nosso trabalho, qual é o trabalho dos seres humanos, é aproveitar essa ordem. Há uma ordem no universo, vamos aproveitar essa ordem, vamos usar essa ordem, e vamos permitir o uso dessa ordem para definir nossas vidas. Então, o uso racional da ordem para definir a vida, incluindo a vida científica, se tornou muito importante na Alemanha, e com o surgimento das universidades alemãs, esse tipo de filosofia do racionalismo se tornou bastante dominante.

Agora veremos isso também, como mencionamos outro dia, mas você também verá isso na arte, na música e nas belas-artes. Você verá um tipo de racionalismo em termos de expressão artística, seja pintura ou música, e como eu disse, se você gosta de Handel-Haydn, se você gostaria de pertencer à sociedade Handel-Haydn, minha esposa e eu pertencemos a essa sociedade há alguns anos, se você gosta desse tipo de música, essa música do século XVIII, você entenderia esse tipo de coisa. Parece muito racional, muito lógico, muito ordenado.

A música é muito organizada, não é? Então isso se torna importante. Ok, agora, como isso funcionou na Alemanha? Como isso funcionou na religião? Isso é o mais importante, é nisso que estamos interessados. Como esse racionalismo funciona religiosamente na Alemanha? Bem, vou mencionar duas coisas: como isso funcionou na religião.

Primeiro, vou mencionar como isso funcionou na religião em geral. Como isso funcionou em uma espécie de filosofia religiosa, esse racionalismo? Tudo tem que ser ordenado; tudo tem que ser conhecido racionalmente para poder ser considerado verdadeiro e significativo, e assim por diante. Bem, na verdade, em termos de religião em geral, isso funcionou com uma crítica muito severa à Bíblia, à igreja, à história cristã.

Então, se você não pode, se você está pensando em religião, essa religião tem que ser medida apenas pela razão, apenas pela razão, apenas pela racionalidade, então a Bíblia, a igreja e muito do cristianismo saíram pela porta. É aqui que você obtém o surgimento do que chamamos de crítica bíblica, crítica bíblica realmente severa e pesada, que surge no século XVIII na Alemanha e no século XIX, quando as pessoas eram tão críticas à Bíblia, ao cristianismo, à igreja, à religião organizada e assim por diante. Chegou a um extremo tal que na Alemanha havia pessoas até duvidando da historicidade de Jesus.

Então, eles duvidaram da historicidade de Jesus. Eles disseram que Jesus era uma figura inventada, os Evangelhos foram escritos muito tarde, eles inventaram Jesus como o ser humano ideal, mais ou menos, mas nunca houve um Jesus de Nazaré, que viveu em Nazaré, ministrou na Galileia e na Judeia, morreu em uma cruz

romana, ressuscitou e assim por diante. Eles negaram tudo isso. Então o primeiro resultado é realmente uma crítica bíblica bem radical que chega agora na Alemanha.

E realmente, realmente desafia a igreja e o pensamento da igreja, sem dúvida sobre isso. Então, o segundo resultado foi um redirecionamento do luteranismo, porque o luteranismo é basicamente a igreja estatal na Alemanha. Então, o luteranismo foi redirecionado na Alemanha no século XVIII.

Agora, como isso é redirecionado? Bem, acho que uma coisa que esquecemos sobre Lutero é voltar ao próprio Lutero por um minuto. Lutero era uma figura muito, você sabe, maior que a vida, mas ele era muito criativo, imaginativo e criativo. Ele não queria uma igreja onde apenas pessoas gentis sentassem nos bancos no domingo e não pensassem em nada; ele apenas ouvia o sermão e assim por diante.

Havia criatividade sobre Lutero, imaginação sobre Lutero, uma paixão pelo Evangelho e pelas verdades do Evangelho, e tudo isso. Então você tinha uma figura maior que a vida, e o luteranismo na primeira geração após Lutero assumiu esse tipo de característica. Mas quando você chega ao século XVIII, e aqui está nossa palavra bem no topo aqui, escolasticismo, quando você chega ao século XVIII, o que se desenvolveu foi um escolasticismo luterano no século XVIII.

O que se desenvolveu na igreja luterana foi um tipo de religião muito morta, escolástica e racional, e as pessoas comuns estavam indo para suas igrejas luteranas nas manhãs de domingo, e estavam ouvindo. Basicamente, eles ouviam tratados, tratados teológicos. Eles não estavam ouvindo a Bíblia ganhar vida através da pregação como aconteceu através de Lutero. Então, havia uma morte no luteranismo, que se estabeleceu nos séculos XVII e XVIII.

Agora, há, para encurtar a história sobre este segundo, então o primeiro foi apenas religião em geral, o segundo é especificamente com o luteranismo, mas haverá um movimento que dará uma olhada, haverá um grupo de luteranos, eles darão uma olhada nisso e dirão, é isso que a igreja pretende ser? Está morta, tipo escolástica? Não, eles dirão não, isso não é o que o luteranismo pretendia ser, e então eles tentarão trazer o luteranismo à vida novamente, e esse movimento foi chamado de pietismo. Não tenho isso na lista. Vamos dar uma palestra. Na verdade, está no seu programa porque o primeiro grupo na próxima palestra sobre o qual falaremos são os pietistas, mas esse movimento é chamado de pietismo, trazendo a igreja luterana à vida mais uma vez para o que ela pretendia ser. Ok, então Alemanha, esse tipo de racionalismo na Alemanha.

Agora, deixe-me parar por um minuto antes de me mudar para a América. Temos a Inglaterra, temos a França, temos a Alemanha, respondendo na era do Iluminismo, mas respondendo à igreja e respondendo ao cristianismo e às vezes críticas bem duras sobre a igreja, cristianismo, Cristo e assim por diante, mas qualquer coisa sobre

esses três, vamos nos mudar para a América em apenas um minuto. Certo, vamos para essas praias, vamos para a América e ver o que temos na América em termos da era do Iluminismo.

Certo, antes de fazermos isso, deixe-me apenas, oh, acho que todos os termos que temos estão lá, então, antes de fazermos isso, deixe-me apenas dizer o quanto eu amo meu trabalho no Gordon College. Deixe-me apenas dizer o quão feliz estou por estar aqui agora no meu 41º ano no Gordon. Então, vou dizer coisas sobre o iluminismo na América com as quais vocês podem não concordar, e eu vou entender isso.

Sou muito simpático a isso. Vou tentar explicar o iluminismo na América como eu o entendo. Então, estamos bem com isso? Posso fazer isso? Você não se importa se eu fizer isso, não é? Vamos ver se há algumas diferenças de opinião sobre isso.

Vamos ver se você não entende bem . Não estou tentando vender nada para você, mas estou tentando expor. Então, eu tenho que fazer isso, sabe, acho que é importante que você saiba disso. Estou apenas tentando expor isso.

Você está bem com isso? Então, vamos lá, vamos ver o que aconteceu na América. Começo falando sobre os pais fundadores, basicamente os pais fundadores, e por eles, estou pensando em George Washington, Thomas Jefferson, Benjamin Franklin, e pessoas assim. Ok, então aqui está minha premissa, e então eu vou desenvolvê-la um pouco.

Havia, na América, havia um deísmo penetrante, na vida pública americana, havia um deísmo penetrante. Não há dúvidas sobre isso na vida pública americana. O deísmo veio da Inglaterra e realmente tomou forma e tomou forma, tomou conta, eu diria, da vida pública americana, especialmente da vida intelectual americana.

A vida das universidades, a vida de muitos, algumas das igrejas, e assim por diante. Agora, isso eventualmente vai evoluir para o Unitarismo, mas a primeira igreja Unitarista na América não foi até depois da revolução. Então, a primeira igreja Unitarista não foi até 1785.

Então, não temos o deísmo evoluindo para, meio que tomando aquela forma denominacional, na verdade, depois da Revolução Americana, mas o temos tomando forma durante o tempo da Revolução Americana. Então, o deísmo é realmente, realmente, realmente importante aqui. Ok, então aqui está minha tese.

Minha tese é que os pais fundadores eram basicamente deístas iluminados. Eles pegaram os princípios do Iluminismo e, na fundação da América, eles colocaram esses princípios do Iluminismo em bom uso na fundação do que eles acreditavam

que estava acontecendo aqui. Então, o que isso quer dizer? Eu não vejo os pais fundadores que mencionei, e não os vejo como evangélicos inflamados.

Não os vejo como pessoas comprometidas com o que chamaríamos de cristianismo evangélico ortodoxo, cristianismo bíblico. Alguns de vocês podem vê-los, e houve algumas das pessoas que assinaram a Declaração de Independência, por exemplo, que eram isso, sem dúvida sobre isso. Mas as pessoas que tiveram o maior impacto na vida pública americana e um pouco na vida religiosa americana, em termos dos pais fundadores, eu veria como deístas iluminados.

Certo, então deixe-me usar Thomas Jefferson como um exemplo disso. Thomas Jefferson desenvolveu o que ele chamou de Jefferson, o que ficou conhecido como a Bíblia de Jefferson. Não sei se você já viu a Bíblia de Jefferson, mas a Bíblia de Jefferson, o que Thomas Jefferson fez na Bíblia de Jefferson foi eliminar todos os milagres de Jesus porque ele não achava que os milagres de Jesus eram fiéis à história, que eles foram inventados para mostrar que Jesus era divino, o que ele não era, é claro, de acordo com Jefferson.

Então, a Bíblia de Jefferson se livra de todos os milagres e termina com Jesus, que ele acha que é apenas uma pessoa legal para seguir. Queremos ser um homem moral como Jesus foi um homem moral, e queremos viver pelas Bem-aventuranças. Bem, você não pode cortar os milagres do Novo Testamento e ainda ter o Jesus dos Evangelhos.

Quer dizer, você simplesmente não pode fazer isso e ter a história do Evangelho porque eles são essenciais para a história do Evangelho e para a história do Reino. Foi isso que Jefferson fez. Então eu veria que ele está fazendo um tipo de iluminismo deísta, um tipo unitário de coisa ao fazer isso.

Então, eu diria que o que se segue disso é que a América foi fundada em princípios do Iluminismo, não em princípios bíblicos. Estou falando sobre a fundação real da América aqui. Ela não foi fundada, eu não diria que foi fundada em princípios bíblicos, mas em princípios do Iluminismo.

Deixe-me usar um exemplo disso da Declaração de Independência. Certo, você sabe disso tão bem quanto eu. A Declaração de Independência diz que consideramos essas verdades como o quê? Consideramos essas verdades como autoevidentes.

Consideramos essas verdades como autoevidentes. Em outras palavras, a Declaração de Independência não diz que consideramos essas verdades como bíblicas. Eles estão usando um tipo filosófico de autoevidência, um tipo de realismo de senso comum aqui.

Consideramos essas verdades como autoevidentes: que todos os homens são criados iguais, que são dotados por seu Criador com certos direitos inalienáveis. Entre eles estão a vida, a liberdade e a busca pela felicidade. Os deístas acreditavam no Deus Criador, é claro, mas não viam Deus como o Redentor.

Eles não viam Deus como o Salvador. Então, não disse que consideramos essas verdades como autoevidentes. Consideramos essas verdades como autoevidentes.

Eles foram dotados por seu Deus Salvador, por seu Redentor. Não diz isso. Diz que somos dotados por seu Criador.

Essa linguagem é uma linguagem muito deísta. Verdades autoevidentes, o Deus Criador. Então, eu afirmo que o que aconteceu na América, o que aconteceu religiosa e politicamente, foi um deísmo que chegou à América e ajudou a fornecer, eu diria, a base filosófica para a vida pública americana e para a vida religiosa americana, especialmente quando alguns americanos migraram para o Unitarismo.

Agora, deixe-me voltar aqui. Às vezes, na América, há alguns escritores que são completamente selvagens em seus ataques ao cristianismo. Agora, pessoas como Jefferson não eram .

Os deístas iluminados não eram selvagens em seus ataques ao cristianismo. Eles estavam apenas usando princípios do Iluminismo, princípios deístas e assim por diante. Algumas pessoas eram, e um exemplo perfeito disso é Thomas Paine.

E lá ele escreve, 1737 a 1809. O que Thomas Paine faz na Era da Razão Observe o título do livro, Era da Razão. Então, esta não é a Era da Revelação de Deus.

Esta é a Era da Razão. E o que Thomas Paine faz em seu livro é que ele realmente ataca o cristianismo ortodoxo. Ele está realmente atacando de forma bem selvagem em seu ataque ao cristianismo ortodoxo.

O que ele faz no livro, em Age of Reason, basicamente diz que a única coisa que vai funcionar neste século XVIII é o deísmo. Então, Age of Reason, o livro, é uma espécie de defesa do deísmo. Portanto, é uma defesa desses tipos de coisas como razão natural, os direitos das pessoas, todas as pessoas, igualdade política e assim por diante.

Então, esse tipo de, de novo, não é, pessoas como Jefferson, eu não vejo Jefferson fazendo esse tipo de ataque selvagem, mas eu vejo alguém como Thomas Paine, cujo livro foi muito influente, fazendo um ataque bem selvagem ao cristianismo ortodoxo. E tentando defender essa nação, tentando defender os direitos naturais. E você obtém esses direitos naturais pelo senso comum, pela razão, olhando para o mundo

natural, pela teologia natural, e todos os tipos de coisas, você sabe, as liberdades civis que fazem.

Certo, agora eu vou te dar uma chance. Eu quero que você questione isso e fale sobre isso, mas eu vou te dar uma chance de fazer isso. Deixe-me apenas dizer que isso era então uma teologia por meio da antropologia. O que se desenvolveu em nosso país então, no século 19 e no século 18, foi uma teologia por meio da antropologia.

Isto é, entender a teologia por meio de nossos próprios esforços humanos, racionais, e assim por diante. E então, houve uma espécie de exaltação dos seres humanos aqui. Ok, agora, o que queremos observar é que este é um ponto de virada direto para os puritanos.

Então, pense nos puritanos. Pense em Boston, a cidade situada em uma colina. Pense nos peregrinos em Plymouth.

Pense em Roger Williams em Rhode Island. Pense no alto calvinismo dos puritanos. A teologia deles não era uma exaltação, e não era por meio da antropologia.

A teologia deles era por meio da revelação de Deus nas escrituras e em Cristo. O que você tem agora é uma reviravolta completa, uma tremenda reviravolta, em certo sentido, tanto da vida pública quanto da vida religiosa em direção a um tipo de antropologia. Longe do alto calvinismo dos primeiros puritanos, os primeiros puritanos foram em direção a uma teologia mais arminiana, mais uma teologia da liberdade da vontade dos seres humanos.

Então, houve uma grande reviravolta na vida pública americana, na vida filosófica e na vida religiosa. Isso é bem grande, desde que os peregrinos desembarcaram em 1620. Então, não temos nem 200 anos quando essa reviravolta está acontecendo.

Então, você poderia facilmente contrastar os peregrinos, puritanos, peregrinos e os autores da Declaração da Independência, por exemplo, os Pais Fundadores. Esse seria o contraste fácil entre um tipo de alto calvinismo de um lado e um arminianismo e um interesse crescente na liberdade da vontade do outro. Então, aí está.

Então, aí você tem um mundo completamente diferente acontecendo aqui, e isso viria no próximo século. Qual é o resultado final desse deísmo na vida pública e religiosa americana? Deixe-me apenas dizer o que é. Deixe-me dar quatro ou cinco coisas aqui, e então eu quero abrir isso por alguns minutos para ver se você quer falar sobre isso.

Mas qual é o resultado disso? Se eu estiver certo, e não estou tentando fazer você acreditar que estou certo, estou apenas tentando apresentar o caso aqui. Mas, se eu estiver certo, se o deísmo foi o tipo de ponto de vista religioso que fez tudo isso acontecer. Ah, eu também quis dizer, também, observe o quão importante Rousseau foi em tudo isso.

Essas pessoas estão lendo Rousseau, e o que Rousseau diz sobre governo? Claro, não há direito divino dos reis. Governos são formados pela vontade do povo. Governos não são formados por, você sabe, de cima para baixo, embora eu ache que George Washington provavelmente queria ser rei em vez de presidente.

Esse é meu próprio sentimento, de qualquer forma, mas acho que ele realmente queria ser rei. Mas governos não são formados de cima para baixo. Governos são formados pela vontade do povo.

Então, você vê o quão importante Rousseau foi. Certo, tendo dito isso, quais são alguns resultados finais do deísmo na América? Deixe-me apenas destacá-los para você. O resultado final número um é uma ênfase na revelação natural e na teologia natural.

Uma ênfase na revelação natural por meio da teologia natural, olhando para o mundo ao seu redor e fazendo algumas deduções teológicas do que você vê no mundo ao seu redor. Isso é completamente diferente de uma revelação especial ensinada pelos puritanos. Deus se revelou especialmente nas escrituras e em Cristo, especialmente em Cristo, é claro.

Isso é diferente. Então, isso é uma coisa. Certo, número dois, o segundo tipo de resultado de tudo isso são as leis do universo.

Deus estabeleceu as leis do universo, mas ele não se intromete nas leis do universo. As leis do universo funcionam por si mesmas por um tipo preconcebido de racionalidade aqui, por uma teologia natural. É assim que entendemos as leis do universo.

Não entendemos Deus, como os deístas diriam. Não entendemos Deus como alguém que invade o universo de qualquer forma e interfere de alguma forma na lei natural que ele estabeleceu. Então, esse é o número dois.

Ok, número três, já mencionamos antes, mas vale a pena repetir. Jesus é um bom exemplo moral. Então, Jesus é uma boa pessoa moral, um bom exemplo moral, e devemos seguir seu exemplo.

Mencionamos outro dia como CS Lewis desmentiu isso em certo sentido. Você não pode ter Jesus como uma boa pessoa moral. Ele é Senhor ou é um mentiroso.

Então, ele é um ou outro, mas você não pode ficar no meio termo com Jesus. Ou você o vê como Senhor, ou você o vê como um mentiroso. Ele é simplesmente perturbado.

Ele está se chamando de Deus. Então, esse é o número três, ok? Número quatro, com essa exaltação da razão humana, essa capacidade de raciocinar, essa capacidade racional que as pessoas têm, mesmo em um sentido de controlar o universo por meios científicos, um meio científico crescente, nada como temos hoje. Com isso, então, você tem a negação total do pecado original e até mesmo uma negação de ações radicalmente pecaminosas.

Essas pessoas não acreditavam realmente no pecado. Elas certamente não acreditavam no pecado original. Elas certamente não acreditavam em alguma depravação herdada ou algo assim.

Eles realmente não acreditavam tanto em ações pecaminosas. Eles eram pessoas muito boas, pessoas muito virtuosas. Reconhecemos que há alguns problemas e assim por diante.

Então, houve aquilo que veio como resultado disso. E então o número cinco, a quinta coisa que veio como resultado disso foi uma espécie de salvação pelas obras para essas pessoas. A ética é exaltada.

Você é salvo pelas boas ações que você faz. Deus vai olhar favoravelmente para as boas ações que você está fazendo. Então, houve isso que veio como resultado de tudo isso também.

Certo, então o que temos na América? Temos um deísmo na América, um deísmo revisado que é exemplificado na formação deste governo civil sob o qual vivemos, e exemplificado na vida religiosa do deísmo, que eventualmente evoluiu para o Unitarismo. Certo, esse é meu caso para a América. O que faremos com esse caso para a América? Não estou pedindo para você comprar, mas sim.

Em termos de sua relação com o puritanismo, muitos dos Pais Fundadores eram mais das colônias do sul onde o puritanismo estava? Sim, essa é uma boa pergunta. Os Pais Fundadores vieram de várias tradições religiosas. Alguns deles tinham linhas puritanas, mas muitos deles, muitos dos Pais Fundadores, na verdade vieram de uma tradição anglicana britânica.

E a tradição anglicana britânica da qual eles já saíram estava se tornando deísta, unitarista na Inglaterra. Então, é bem natural que eles venham para lá trazendo isso com eles. Então, muitos, e especialmente o Sul, porque a Igreja Anglicana era bem grande no Sul.

Então, não foi depois da guerra porque a maioria dos anglicanos voltou para casa porque eram britânicos, então eles apoiaram a monarquia e não a revolução. Mas muitos deles vieram daquele Sul, no deísmo florescente. Então, quero dizer, como eram as colônias puritanas nesse ponto? As colônias puritanas nessa época, as colônias puritanas, lembra na palestra sobre a qual falamos, na última palestra falamos sobre o crescente comercialismo tornando-as menos evangélicas, menos religiosas, ou elas se tornaram menos evangélicas, menos religiosas, então elas desenvolveram o comercialismo, esse tipo de coisa? Bem, isso está florescendo agora.

Na época da revolução na América, muitas das igrejas congregacionais estavam se voltando para o Unitarismo. Então, elas eram deístas; elas ainda não eram Unitárias no sentido legal porque, como eu disse, a primeira igreja não se tornou Unitarista até 1785. Mas elas certamente estão se movendo nessa direção.

Então, é assim que parece na cena. Durante a revolução, muitas pessoas que eram religiosas não eram mais religiosas. Elas se afastaram da religião em números bem fortes durante a revolução.

E eu imagino que a razão para isso seja porque eles se envolveram tanto em causas políticas que não tiveram tempo para religião. Então, você tem muito foco político fervoroso na época da revolução e um foco menos religioso. E então fica complicado com pessoas como Thomas Jefferson formando sua própria Bíblia, ou fica complicado com George Washington, que, até onde podemos dizer, frequentava a igreja muito, muito pouco.

Ele era anglicano e frequentava uma igreja anglicana quando ia à igreja, mas ele não era o que você chamaria de um clérigo, uma pessoa que estava realmente envolvida na igreja e queria contribuir para a igreja e assim por diante. Isso ajuda em alguma coisa? Há um livro parecido chamado *The Light and the Glory*. Estou mais familiarizado com *The Light and the Glory*.

Mas vá em frente. Certo. Certo.

Certo. Você está perguntando minha opinião sobre isso? Porque isso também está em *The Light and the Glory*, livros como *The Light and the Glory*. Não há evidências disso.

Esse é o problema. Não há nenhuma evidência histórica disso; é por isso que ele fez isso. A evidência parece pesar no outro sentido, que ele era deísta, que ele não acreditava em milagres.

Todas essas coisas são, isso mesmo, absolutamente discutíveis, discutíveis, não há dúvidas sobre isso. Há um livro chamado *The Light and the Glory*; anos e anos atrás, eu li isso, e é a mesma coisa. É meio que, você sabe, questionar professores como Roger Green no Gordon College.

Quer dizer, ele não fez isso, sabe, mas professores que ensinam que essas pessoas eram deístas. Então, ele acredita que elas eram evangélicas e assim por diante. O problema é que o registro não sustenta esse argumento.

E então, se isso fosse verdade, se essas pessoas fossem evangélicas, a Declaração de Independência deveria ter sido lida de forma completamente diferente do que foi lida. Não deveria ter apelado para argumentos autoevidentes ou argumentos filosóficos. Consideramos essas verdades como bíblicas, deveria ter dito.

Agora, se os puritanos tivessem escrito a Declaração de Independência, isso é exatamente o que os puritanos teriam dito. Puritanos, se tivéssemos lutado a revolução em 1650 ou algo assim, os puritanos teriam dito, nós consideramos essas verdades como bíblicamente reveladas a nós por Deus Pai, que todas as pessoas são criadas iguais, elas são dotadas por Deus Pai através de Cristo, nosso Senhor, nosso Deus Redentor, que, você sabe, Deus nos deu, você sabe, essas virtudes e devemos viver essas virtudes. E podemos ver tudo isso na Bíblia.

Quer dizer, se os puritanos tivessem lido e escrito a Declaração, teria sido completamente diferente. Mas o material escrito dessas pessoas é a linguagem deísta que eles estão usando. Mas não, eu concordo totalmente com seu ponto.

E nem todo mundo acredita nisso. Nem todo mundo no Gordon College, eu diria, acreditaria no que eu acredito. Mas o lado bom é que no Gordon, somos livres para ensinar como, você sabe, vemos.

Mas entendemos, sobre essa questão, que certamente não há todos que veem da mesma forma. É possível que a linguagem tenha sido usada porque eles acreditavam em uma separação entre igreja e estado, e que essa linguagem meio que identifica essa separação entre igreja e estado? Isso é verdade, absolutamente. Certo, certo.

Eles colocaram o Criador bastante na história. Então, Deus como Criador está muito lá. Sim, esse é um bom ponto.

Eu veria, nós já temos evangélicos que acreditam na separação entre igreja e estado, batistas que vieram para cá. Eles eram muito fortes na separação entre igreja e estado porque o estado tinha sido muito opressivo no velho mundo. Então, a separação entre igreja e estado era uma crença moldada, que eu quero dizer não apenas moldada, mas mantida em comum por deístas e batistas.

Então isso era algo que muitas pessoas tinham em comum, não importa qual fosse seu tipo de ponto de vista religioso. Então eu acho que eles definitivamente estão tentando chegar a um ponto em comum, sem dúvida sobre isso. Minha sensação é que eles estão fazendo isso do seu próprio ponto de vista, basicamente, especialmente nas narrativas que temos.

Sim, vá em frente. E então também em termos de pecado original, se você ler os artigos federalistas e coisas assim, eles claramente têm um ponto de vista negativo dos humanos, no sentido de que eles são incapazes de fazer as coisas certas, e é por isso que eles colocam tantas salvaguardas em prática. Esse é um bom ponto.

Eles acreditam no pecado. Isso é verdade. Eles acreditam que as pessoas saem dos trilhos. Eles acreditam no pecado porque acreditam fortemente no livre-arbítrio. Então, a liberdade da vontade é um componente teológico básico.

E enquanto você tiver liberdade de vontade, significa que você pode dizer não a Deus. Mas esse é um bom ponto, isso mesmo. Eles estão colocando salvaguardas para nós porque eles percebem que há pessoas por aí que fazem coisas ruins.

Sim, esse é um bom ponto. Mas eles fazem isso por livre e espontânea vontade. Eles não fazem isso porque têm alguma depravação herdada ou algo assim.

Certo, sim. O termo Episcopal não foi usado até depois da Guerra Revolucionária. A razão pela qual foi usado depois da Guerra Revolucionária é que se usarmos o termo Anglicano, soa realmente britânico, sabe, e não podemos ter isso.

Temos que usar o termo Episcopal. Você tem uma imagem de Washington ajoelhado na neve e rezando a Deus. Então, a questão é, isso foi muito parte da vida dele? Mas esse é um bom ponto, isso mesmo.

Quero ser o mais justo possível sobre isso porque é muito fácil para os professores serem muito pesados em algo que eles, você sabe, realmente são apaixonados. E não estou aqui para fazer isso. Estou aqui apenas para dar esse ponto de vista e fazer você pensar sobre isso.

E não estou aqui para doutriná-lo sobre isso. Tenho que ter muito cuidado com isso quando ensino isso. Também dou um curso sobre cristianismo americano, então tenho que ter cuidado quando ensino isso naquele curso também.

Bem, há mais alguma coisa aqui que valha a pena discutir? Não há dúvidas sobre isso. Duvido. E Jason, você trabalhou com um pastor que estava chateado com as pessoas ensinando isso, que essas pessoas eram deístas.

Não foi assim. Não acho que foi a mesma coisa. Certo.

É da Igreja Presbiteriana deles, que tem uma visão forte da América como uma nação cristã, querendo retornar a isso. Certo. É como se ele tivesse lido isso e ficado tipo, David Byrne, o autor, todo o seu ponto é tentar retornar ao que nossa nação foi fundada.

Certo, certo. Mas é interessante porque estou apenas pesquisando agora, e então, aparentemente, o livro recebeu muitas respostas negativas. Há muitas pessoas dizendo que ele não era confiável, então Thomas Nelson realmente parou de publicá-lo. Agora, ele publicou uma resposta de 20 páginas a todos os críticos.

Certo, certo. É um debate. Está no ar.

É um debate. E é um debate, e não é um debate limitado aos liberais versus os evangélicos porque eu sou evangélico, e então há muitos evangélicos que defenderiam o que eu estou defendendo aqui, sem dúvida sobre isso. E, claro, temos que nos perguntar, quero dizer, vale a pena perguntar, Deus lida? Parece-me que no Antigo Testamento, ele lidou com uma nação, com a nação de Israel.

Mas então, uma vez que você vê essa revelação de Deus nas escrituras, você não o vê agora lidando com a igreja, o corpo de Cristo, seu corpo aqui na terra, que para mim é universal? Não se limita à América. Está em todo lugar onde a palavra viva de Deus está.

Existe a igreja. Existe o corpo de Cristo. Então, é que Deus lida com uma nação, como fez com Israel, ou ele está lidando com a igreja, e a igreja é universal, e a igreja está em todas as nações? Acho que essa é uma pergunta que vale a pena fazer.

Então eu estava na Zâmbia, ministrando na Zâmbia há alguns anos, e fiquei surpreso. Sabe, nação cristã, eu sempre ouvi isso aqui na América, mas nunca ouvi em outros contextos. E o presidente da Zâmbia, quando eu estava lá, estava pregando sobre a Zâmbia como uma nação cristã, que a Zâmbia era a nação escolhida por Deus, e para fazer a obra de Deus neste mundo e assim por diante.

Muito, muito interessante que ele tivesse esse tipo de identidade de nação cristã para a Zâmbia. Quer dizer, eu nunca tinha ouvido isso aplicado a outros países, mas provavelmente o último lugar onde eu pensaria que ouviria isso seria na Zâmbia. Quer dizer, quem adivinharia? Mas lá estava.

Mais alguma coisa aqui? Ok, vou encerrar em um minuto. Deixe-me fazer isso. Deixe-me dizer para onde vamos, apenas da página 13 do seu programa, e então continuaremos isso na segunda-feira.

O que veremos agora na próxima palestra, palestra número 6, Ressurgimento Evangélico na Igreja, o que veremos agora no século XVIII, século XIX, veremos uma virada do pêndulo de volta à ortodoxia, de volta à igreja, de volta ao cristianismo histórico, de volta às raízes do cristianismo histórico. Então, o que vimos nesta palestra, palestra 5, é um movimento para longe dessas coisas, uma espécie de afastamento dessas coisas em alguns lugares, especialmente na Europa Ocidental. E agora, na próxima palestra, diremos que houve pessoas que disseram, não, temos que retornar às nossas raízes.

E vamos dar uma olhada em três movimentos bem importantes. Vamos dar uma olhada no pietismo na Alemanha. Na América, vamos dar uma olhada no Grande Despertar.

E então na Inglaterra, vamos olhar para o Reavivamento Wesleyano. Esses foram três grandes ressurgimentos na igreja. E então, isso nos leva. Esta próxima palestra é uma palestra bem longa porque leva tempo para elaborar essas três respostas evangélicas à maneira como o mundo estava indo na Europa Ocidental e na América.

Então, isso é só uma introdução. Só por uma questão de tempo, não vou começar essa palestra hoje. Começaremos na segunda-feira.

Tenha um ótimo final de semana. Nos vemos na segunda-feira.